

A LÍNGUA HEBRAICA COMO FATOR DE INTEGRAÇÃO DE UM POVO

*Ana Szpiczkowski**

O objetivo desse artigo é analisar a língua hebraica como fator de integração do povo judeu, independentemente de seu tempo e de sua localização geográfica. Mesmo antes da criação do Estado de Israel (1948), durante as diferentes diásporas judaicas, quando o hebraico falado praticamente adormeceu, os judeus contaram com a escrita hebraica como um veículo de comunicação, que se tornou, por isso, apropriada para servir como uma língua comum, unindo as diferentes comunidades e preenchendo uma crucial função sociológica. O hebraico é, assim, fator de identidade judaica. Seu uso ininterrupto propiciou a integração do povo judeu, apesar das influências alheias. O hebraico é uma semente importante, uma ponte ou meio social de contato entre os judeus de Israel e os judeus do estrangeiro, assim como entre os próprios judeus de Israel que falam uma variedade de línguas trazidas de seus antigos lares, e mesmo com os não judeus que procuram por seu intermédio a compreensão do Velho Testamento.

O hebraico consiste, portanto, em um valor cultural mais do que em simples designações associadas às necessidades de um país moderno, meramente técnico ou utilitário.

A língua hebraica tem sido associada ao povo judeu desde a Antigüidade. Mesmo nos tempos em que o hebraico deixou de ser falado, passando a servir, principalmente,

(*) Professora de Língua e Literatura Hebraica do Departamento de Línguas Orientais, FFLCH-USP.

para leitura e escrita, como língua das orações e em atividades literárias (após a destruição do Segundo Templo – ano 70 d.C.), ele sobreviveu através dos longos anos de exílio.

Apesar do emprego do aramaico (língua semítica aparentada ao hebraico), que se tornou parte integrante da cultura lingüística judaica, do ídiche (língua judeo-alemã falada pelos judeus *aschkenazim* – originários da Europa Oriental), do ladino (língua judeo-espanhola que se desenvolveu entre os judeus exilados da Espanha após as expulsões daquele país na década de 1490), os judeus, através de todos os períodos do Exílio, nunca deixaram de ler e escrever em hebraico, até que ele voltou a ser falado na Palestina, há cerca de cem anos. As outras chamadas “línguas judaicas” os dialetos idiossincráticos judaicos falados em várias diásporas tinham muitos componentes hebraicos. As palavras hebraicas foram utilizadas por judeus em todas as esferas de suas vidas. O componente hebraico lexical serviu como característica principal na distinção das línguas judaicas de outras línguas locais.

Desde o Holocausto diminuiu de forma trágica o papel da língua ídiche, que foi antes a língua principal de união. O uso do ladino atualmente é mais limitado ainda.

O Iluminismo, o Sionismo e o estabelecimento do Estado de Israel foram, ao menos para aqueles que lá se estabeleceram, etapas para o israelita se tornar um povo como qualquer outro. Não mais um aglomerado de grupos ligados entre si por religião e pelo legado deixado pelos antepassados, e separados de outros povos pelas muralhas do Gueto, mas um povo com um país como outro qualquer, com uma língua própria, que é o hebraico.

Vários fatores não-lingüísticos exerceram um papel central no renascimento do hebraico falado: o fervor nacional sionista, seguido da realização de um sonho de 2.000 anos de retornar a Sion, foi um catalizador poderoso no processo. As necessidades sociológicas foram engendra-

das pela variedade de línguas trazidas a Israel de todos os pontos da Diáspora: ídiche, ladino, alemão, russo, árabe, persa e outras. Nenhuma dessas línguas poderia servir como uma língua natural. No passado, judeus das diversas diásporas contaram com a escrita hebraica como veículo de comunicação, a qual foi, por isso, apropriada para servir como língua comum, unindo as diferentes comunidades e preenchendo uma crucial função sociológica.

A língua de um grupo social é o instrumento que manifesta sua cultura e de certo modo lhe dá forma – em toda sociedade ocorre a influência recíproca entre cultura e língua. O hebraico bíblico expressa a cultura, as formas de pensamento e as áreas de interesse dos antepassados nos períodos do primeiro e do segundo templo; a língua dos sábios está associada à cultura dos tanaitas e dos amoraitas. O hebraico israelense, por sua vez, está ligado à vida espiritual e ao modo de pensar do povo de Israel; este, depois de absorver fortemente a cultura ocidental, irá determinar que o hebraico israelense será influenciado pelas línguas ocidentais, principalmente o inglês.

O hebraico é, portanto, fator de identidade judaica. Seu uso ininterrupto propiciou a integração do povo judeu, apesar das influências alheias.

A questão de uma língua única comum (*meschutéfet*) é muito importante para a comunicação entre todos os segmentos do mundo judaico.

Como é possível reconhecer a ligação entre a língua de uma sociedade e sua cultura?

É fácil reconhecer nas “partes da realidade” que recebem um nome em uma única língua: em qualquer outra língua não há palavra correspondente a **Schofár** – *trombeta de corno; porta-voz*, assim como não há correspondente à palavra inglesa **Whisky**, que já traduz ao que se refere. Como dizer **gentleman** em hebraico ou **Rosch Yeschivá** – *chefe de academia talmúdica* – em inglês ou português? Mas isto não é o principal. O mais importante é que aquilo que

aparece no dicionário de uma língua única refere-se a uma unidade da realidade e que pode subdividir-se em duas ou mais unidades em outra língua. Tomemos como exemplo a palavra “relógio” em português ou **Schaon** em hebraico, que se referem ao instrumento que mede o tempo, ao passo que em inglês há uma diferença entre **watch** (de pulso) e **clock** (de parede). Nem sempre é possível explicar de onde vêm as diferenças nesta divisão entre as línguas. Entretanto, normalmente é possível verificar que em cada língua esta divisão reflete a situação cultural e social da sociedade dos falantes e de sua localização geográfica.

O renascimento da língua hebraica é uma das mais importantes conquistas sionistas; apesar de ela ser estudada na diáspora, uma parcela considerável de judeus não possui um conhecimento de leitura e fala em hebraico.

A liturgia judaica composta e direcionada, na sua maioria, para o hebraico, pode gerar certo desconforto àqueles que não possuem conhecimento suficiente dessa língua, principalmente aos preocupados com o seu conteúdo. Caracteres diferentes das línguas ocidentais, escrita da direita para a esquerda e vocabulário desconhecido levam a dificuldades de comunicação. Preocupadas com a compreensão e identificação dos seus integrantes, algumas sinagogas ligadas ao movimento reformista judaico passaram, inicialmente, a conduzir suas orações no idioma local. Atualmente, ao perceberem a importância do hebraico como fator de integração, e atentas ao entendimento que o uso da língua materna lhes proporciona, passaram a oferecer aos seus freqüentadores textos traduzidos e transliterados.

Caberia aqui a menção de que a língua hebraica também é um elemento de interesse para povos de cultura ocidental que têm como base a Bíblia em hebraico, que são conduzidos a ela em busca de conhecimento lingüístico para a leitura do Velho Testamento no original.

Pergunta-se então: é importante difundir conhecimentos do hebraico da Diáspora principalmente porque ela é

hoje a língua oficial de um país judaico? Este valor é inegável. Mas o hebraico possui credenciais que antecedem a criação do estado. Ele é naturalmente um elemento importantíssimo para a educação judaica, daí o termo hebraísmo, da mesma forma que se usa o termo helenismo. Helenismo é mais do que a língua grega, mais do que a antiga mitologia grega ou religião, mais do que a arte da Grécia antiga. É uma expressão corrente no oceano infinito das investigações humanas, do humanista apaixonado que deseja encontrar segurança dentro de si mesmo, e encoraja a busca da verdade, beleza e harmonia. Judaísmo também é uma poderosa corrente, que não alcançou a exaustão e ainda possui potencialidades para se auto-renovar, rejuvenescer, e adquirir novas modulações podendo, de acordo com Greenberg, ser comparada a uma melodia e não a uma escultura. A civilização egípcia antiga, por exemplo, há muito se tornou estática; ela não pode produzir vida nova. Ela tem um significado arqueológico maior que o histórico. Deve-se considerar o judaísmo, ou no caso, o hebreísmo, não como um fóssil plástico completo mas como uma melodia; e melodia – principalmente porque a “área” de sua existência é tempo – tem um princípio e infundável continuidade. Há sempre espaço para possíveis variações, até para mudanças criativas, desvios, e contrastes complementares para novas experiências em relação a si mesma; mas esses experimentos não deixam sua “memória” com seu passado, ou com aquelas forças que criaram o passado.

O hebraico é uma semente importante, uma ponte ou meio social de contato entre os judeus de Israel e os judeus do estrangeiro, assim como entre os próprios judeus de Israel que falam uma variedade de línguas trazidas de seus antigos lares. Mas o hebraico é mais do que simples designações associadas às necessidades de um país moderno, meramente técnico ou utilitário. É um valor cultural, pois aquele que não conhece seu significado profundo e seu contexto espiritual presente em expressões hebraicas

tais quais **Mitzvá** – obrigação religiosa; boa ação, **Averá** – transgressão, delito, **Kascher** – adequado; íntegro; de acordo com os preceitos judaicos, **Gueulá** – redenção, libertação, resgate, **Tikun** – reparo; reforma; regulação; denominação a preces especiais, **Tum'á** – profanação; contaminação; impureza (segundo os preceitos judaicos), **Tahará** – pureza, purificação, **Yirá** – temor; veneração; idolatria, **Tzedaká** – justiça; piedade; caridade, beneficência, **Héssed** – bondade; ignomínia, **Messirut Néfesch** – abnegação, **Kidúsch Haschém** – martírio pela santificação do Nome Sagrado, **Teschuvá** – resposta, contestação; retorno; ciclo, período; arrependimento, penitência – não pode se sentir como parte de um grupo que dá voz, conscientemente ou não, àquilo que o autor chama de “melodia judaica” Até mesmo a educação judaica secular em Israel e na Diáspora precisa por isso ser nutrida das fontes consideradas, pelo menos formalmente, como religião – se ela não é para ser drenada até aquelas forças que constroem uma personalidade judaica.

Para sua continuidade, a língua hebraica precisa ocupar naturalmente um papel central na vida judaica, pois não é possível haver hebraísmo sem o som original em hebraico.

BIBLIOGRAFIA

BAR-ASHER, M. The Revival of Spoken Hebrew. In: *Avar ve'Atid – Past and Future*, The Joint Authority for Jewish-Zionist Education, Jerusalem, Israel, Vol.1, No.1, setembro 1994, p. 22-26.

GREENBERG, H. Hebraism Is More Than a Language. In: *Avar ve'Atid – Past and Future*, The Joint Authority for Jewish-Zionist Education, Jerusalem, Israel, v.1, No.1, setembro 1994, p. 27-29.

HERMAN, S. N. Jewish Identity: A Social Psychological Perspective. Jerusalem, Hassifriya Haziyonit and Sifriat Poalim, 1979.

- RABIN, C. *Pequena História da Língua Hebraica*. Trad. Rifka Berezin. São Paulo, Summus Editorial, 1973.
- SARFATTI, G. B. *In The Language Of My People – Essays in Hebrew – Studies in Language I*. Jerusalem, The Academy of the Hebrew Language, 1997
- UNTERMAN, A. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Trad. Paulo Geiger. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.